

Modelo de vida para o leitor jovem em *vida de modelo*?

Josiele Kaminski Corso
UFSC

Desde o início da literatura infanto-juvenil, o caráter lúdico e de entretenimento tiveram espaço apenas associados a propósitos pedagógicos e moralizantes. Assim, as publicações preocupavam-se mais com o ensinar do que propriamente com o deleite do jovem leitor para o prazer da leitura. Isso, no entanto, não é apenas elemento do passado, ainda é possível encontrar claramente em histórias infantis o didatismo devido à preocupação com o seu destinatário, que aprende se divertindo.

Valores formativos, como a honestidade, a fraternidade, o amor ao trabalho passam a depender para os filósofos da época, mais do conhecimento científico adquirido do que das convicções religiosas herdadas. (MAGALHÃES, 1987, p.54)

Para Gizelle Corso a alteração desse quadro, no século XVIII, deu-se devido ao predomínio da burguesia, que separando a infância da vida adulta, transformou as relações sociais. Houve, portanto, a institucionalização da aprendizagem, “emergindo, assim, um novo mercado de consumo e uma literatura específica para a criança”. (CORSO, 2007, p.39)

Assim, devido à industrialização da cultura, surge uma diferenciação e democratização do público leitor, que passa ter mais acesso ao livro e mais opções de leitura. É com essa revolução industrial artística que surge a querela entre arte e cultura de massa. A partir de então, a demanda artística sofre uma ruptura, temos, portanto, as obras que mantêm os atributos da arte e as destinadas à cultura de massa, “às multidões, ao responder às suas demandas de estímulo à emoção e abandono da preocupação com a novidade formal ou o questionamento da existência” (ZILBERMAN, 1987, p.61).

Nessa esfera, modernizou-se cada vez mais a produção de livros para os leitores jovens, cujas publicações são altamente rentáveis para o mercado

livreiro, pondo em cheque, em algumas vezes, a questão da qualidade em detrimento da quantidade. Para Lajolo e Zilberman:

O fato de os livros para crianças serem produzidos dentro de um sistema editorial mais moderno implica regularidade de lançamento no mercado e agenciamento de todos os recursos disponíveis para a criação e manutenção de um público fiel. Como consequência, alguns escritores lançam vários livros por ano, perfazendo dezenas e dezenas de títulos que independentemente da qualidade garantem seu consumo graças à obrigatoriedade da leitura e à agressividade das editoras. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p.125)

Se é a partir do livro infantil que se molda o leitor jovem, o que se tem escrito para esses leitores?¹ Início minhas inquietações com uma pergunta e uma resposta bem formuladas de Ricardo Azevedo:

Mas o que é exatamente um leitor? Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (AZEVEDO, 2004, p.34)

Na esteira de utilizar texto em benefício próprio, por meio da visão de mundo, é que acabei por me deter no livro de Angélica Lopes.² Uma narrativa que, apesar de encorajar jovens a enfrentarem os seus mais diversos obstáculos de vida, também carrega um discurso, por vezes, estereotipado. Sabemos que livros de literatura infanto-juvenil estão aptos a abordar as mais diferentes temáticas e são livros que não vêm mais carregados de conceitos moralistas e edificantes.³ Apesar desse aparente desapego à edificação e à moralização, ainda é possível encontrar nessa literatura a transmissão de normas de comportamento.

¹ A idéia de que, aprendendo a ler, a pessoa, mais tarde, poderá enriquecer sua vida é vivenciada como uma promessa vazia quando as histórias que a criança escuta ou está lendo no momento são ocas. (BETTELHEIM, 1988, p.13)

² Angélica Lopes é jornalista e trabalha atualmente no Canal Futura de televisão, como roteirista de programas infanto-juvenis.

³ Para Aguiar e Bordini (1993:13) "Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla."

É, muitas vezes, por meio dos livros, de certa forma ambíguos e contraditórios, que o jovem constrói sua identidade, busca o autoconhecimento, tenta entender o outro nas suas particularidades, inteira-se das questões éticas e desvenda aspectos sobre a sua existência. Para que haja a formação de um leitor jovem é preciso uma “espécie de comunhão emocional que pressuponha prazer, grande identificação e, sempre a liberdade de interpretar” (AZEVEDO, 2004, p.45). Compondo novos mundos interpretativos, *Vida de Modelo* não se trata de um livro de sucesso cultural, mas satisfaz a necessidade de experiência do leitor e amplia sua imaginação, “na conformação de uma realidade a ser decifrada e numa tomada de posição”. (ZILBERMAN, 1987, p.85)

Trata-se aqui, segundo Coelho (2000:39) de um “leitor crítico (12/13 anos)”, aquele que já tem capacidade de reflexão profunda, que vai além do texto, que possui pensamento reflexivo e já tem despertada a consciência crítica em relação às verdades consagradas. Para este, não basta mais apenas o prazer ou a emoção, mas faz-se necessária a provocação para que ele penetre no mundo da leitura.

Nesse sentido, para Jauss (1994), o valor de uma obra literária não resulta de suas condições históricas e/ou biográficas, mas de seus critérios receptivos, do efeito que ela produz à atualidade e que possivelmente produzirá à posteridade.

“Se naquela tarde Karine não tivesse faltado à aula de inglês, por estar completamente sem vontade de encontrar CERTAS PESSOAS, talvez nada daquilo tivesse acontecido.” (LOPES, 2006, p.9) [grifos do original]. É na comunhão com o acaso que tem início a obra de Angélica Lopes, uma narrativa de cento e trinta e uma páginas, organizada em três partes,⁴ que a vida de três adolescentes, Karine Amorim, Mychelle Lemmos e Alana Cris, acaba se encontrando pelos mais diversos motivos e objetivos.

Nesta narrativa, Karine, uma adolescente que acabou de ser traída pela sua melhor amiga (esta ficou com seu namorado), sofre um mundo de

⁴ A titulação dos capítulos faz referência à carreira das modelos, do início do anonimato ao glamour das passarelas. O primeiro chama-se *A caça-talento*, na sequência *O apartamento das modelos* e por último *Na passarela*. A escritora, no fim do livro, escreve um “extra” de uma página intitulada *Que fim levaram* (propondo uma idéia de fim de filme hollywoodiano para as personagens).

angústias ao tentar se libertar desses dois fantasmas que, volta e meia, aparecem em seus pensamentos. Assim, ela acaba fugindo de ambos, tentando não os ver, nem os encontrar, pois não está ainda preparada para lidar com este tipo de situação. De repente, quando ela resolve não ir à aula de inglês, para evitar o encontro, é que chega Íris de Toledo, uma famosa agenciadora de modelos, entrega-lhe um cartão e a convida para fazer o teste do concurso New Face. Essa jovem não acredita que possa fazer sucesso nas passarelas, pois jamais se imaginou neste mundo de *glamour*. Karine, com o apoio de sua família (que precisa de dinheiro), liga para o número que consta no cartão, averigua a veracidade dos fatos e resolve participar do mencionado concurso. Ir a São Paulo, num primeiro momento, ajudará Karine a ficar longe do ex-namorado e da ex-melhor amiga e, com o tempo, superar este acontecido e dar-se o direito de ter um novo amor.

Merece ser valorizada, na obra, a focalização de temáticas atuais, pois sabemos que há inúmeras falsas agências de modelos, as quais enganam as jovens, prometendo um futuro de fama e dinheiro, mas ao chegarem ao destino ao qual foram contratadas, percebem que não há nada além do mundo escravo da prostituição.

O texto de Lopes vai ao encontro das palavras de Azevedo quando afirma que é:

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram é possível levantar ou discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático – informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem subjetivos, ambíguos e imensuráveis. (AZEVEDO, 2004, p. 40)

A outra personagem, Mychelle Lemmos, “com um ‘y’, dois ‘eles’ e dois ‘emes’”⁵ (LOPES, 2006, p.19), é uma ex-modelo infantil que fez sucesso com a propaganda do *Sorvete Esquimó*, e que agora a mãe tenta resgatar os dias de glória da menina, fazendo com que ela busque um sonho que não é seu. Mais uma vez, Lopes toca fundo numa situação vivenciada por várias adolescentes

⁵ Mychelle Lemmos é nome artístico sugerido pela numeróloga consultada pela mãe da jovem, por ela garantir que essa composição faria com que a menina voltasse a ter sucesso como antigamente.

que merece referimento: a que os pais impõem determinada carreira ou profissão. Muitas dessas jovens não conseguem se libertar e acabam se tornando infelizes. Além disso, Mychelle está fora dos padrões estipulados para ser uma modelo, está um pouco acima do peso e sofre de distúrbio alimentar.

A terceira candidata ao concurso⁶ é Alana, com características exóticas, entre elas sardas das tonalidades “variadas entre o vermelho sangue e o castanho eqüino” (LOPES, 2006, p. 24), uma garota que sonha em ser modelo e tornar-se uma *top* internacional. Com a ajuda do amigo Lucas, que é fotógrafo, envia um *book* para o concurso.

Conta a favor da obra, nesse aspecto, a auto-afirmação identitária e o reconhecimento de confiança, que são elementos presentes nesta personagem. Alana gosta de si mesma e valoriza seus traços diferentes das outras garotas e modelos. Acredita no seu potencial e vai em busca de seu sonho.

Na obra, temas como solidariedade, compreensão e amizade são resgatados incentivando as jovens a serem elas mesmas, como mostra por meio da conversa entre Íris de Toledo e Mychelle: “– Você não precisa ser nada meu bem. Você já é você mesma.” (LOPES, 2006, p.99).

Durante o decorrer da narrativa, a personagem Michele⁷ descobre que o que realmente gosta de fazer é cozinhar e, por sinal, cozinha muito bem. Assim, no final da história, quando a escritora dá fim a suas personagens a descreve dessa maneira:

Michele: descobriu que sua verdadeira vocação tinha a ver com alimentos. Começou fazendo doces por encomenda para clientes chiques, indicados por Íris. Atualmente, com alguns kilinhos a mais, cuida de um restaurante orgânico em Boaventura da Serra. (LOPES, 2006, p.131)

Desapontada, é assim que fiquei. Numa narrativa que, apesar apontar para um atendimento de exigências da arte, também aponta para situações que tentam assegurar os leitores, insere na contramão da tradição, um

⁶ Soma-se no total treze candidatas para o concurso de 12 a 17 anos.

⁷ A mudança da ortografia do nome de Michele ocorre porque ela passa a ser ela mesma, deixando de lado o seu nome artístico imposto pela mãe.

estereótipo conhecidíssimo: a jovem gordinha não será modelo, será cozinheira e estará acima do seu peso ideal⁸.

Angélica Lopes por meio de Michele encoraja seu leitor incitando autonomia, opinião própria de fazer o que gostaria, mas de uma maneira preconceituosa acaba retomando o que é tão evitado em Literatura Infanto-Juvenil, a imposição de preconceitos. Para Khedé

Cumprindo a função literária de simbolizar o real, a literatura infanto-juvenil contemporânea pode apresentar personagens e fragmentações múltiplas, ambivalentes e relativizadas, por configurarem uma sociedade transformada ou em transformação, que busca sua identidade social e a desconstrução de valores estereotipados pela sociedade burguesa de outrora. (KHEDÉ, 1986, p.91)

Mas como conjugar literariedade e condições de recepção?⁹ Sob a luz dos estudos de Ceccantini acerca da preocupação do escritor em relação ao seu público leitor, verifica-se que

entregar-se apenas às demandas do coração dos leitores, corre o risco de fazer exclusivamente o jogo do mercado e da indústria cultural, abrindo mão de metas consistentes e produzindo somente “mais do mesmo” num progressivo afastamento do universo da arte e da literatura. [aspas do original. (CECCANTINI, 2006, p.122)

Longe de ser, segundo Jauss (1994), a reprodução do belo usual, dos sentimentos familiares, tornando palatáveis as experiências, embarcando na “esfera da arte culinária ou ligeira,” o leitor pode comparar os elementos contidos na narrativa com os de sua cultura, rompendo expectativas e abrindo-se para novas leituras ou experiências de emancipação. Para Zilberman:

Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular. (ZILBERMAN, 2005, p. 9)

⁸ Hoje existem modelos gordinhas que atendem a uma demanda diversa da das magérrimas. No entanto, a diferença não está no peso, e sim no bolso. A remuneração é bem inferior ao das *Top Models*.

⁹ Reflexão de Edmir Perrotti (1986) contida no texto de Luís C. Ceccantini (2006, p.105).

Se a obra *Vida de Modelo* é modelo para o leitor jovem, é preciso enfatizar que a leitura é uma interpretação particular do texto e também do que se esconde atrás dele, pela sua assimetria de sentidos inesgotáveis. Quem julga uma narrativa literária é o seu leitor. É a receptividade da obra, por parte dele, por meio da construção de sentidos, que vai determinar os interesses e necessidades do seu público. Assim, se ela satisfizer, vier ao encontro de seus anseios, nada impede que o leitor jovem a considere sua.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 7ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

CECCANTINI, Luís C. A marca de uma lágrima de Pedro Bandeira: entre o coração dos leitores e o da literatura. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Orgs.). *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: ANEP, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Gizelle Kaminski. *Édipo-Rei e Antígone, adaptações da tragédia sofocleana para o leitor juvenil brasileiro*. Assis, 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

KHÉDE, Sonia Salomão. Personagens da literatura infanto-juvenil contemporânea no Brasil. In: *Personagens da Literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática: 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1999.

LOPES, Angélica. *Vida de modelo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori. História Infantil e Pedagogia. In: *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.